

Entrevista

<https://doi.org/10.34019/2594-8296.2024.v30.47217>

Entrevista com Mestre Naio (Leonardo Ozório Nunes dos Santos) e Mestre Edson Lima Coutinho da Banda de Congo Beatos de São Benedito da cidade de Vila Velha, no Espírito Santo

Interview with Mestre Naio (Leonardo Ozório Nunes dos Santos) and Mestre Edson Lima Coutinho of the Banda de Congo Beatos de São Benedito from the city of Vila Velha, Espírito Santo

Entrevista con Mestre Naio (Leonardo Ozório Nunes dos Santos) y Mestre Edson Lima Coutinho de la Banda de Congo Beatos de São Benedito de la ciudad de Vila Velha, Espírito Santo

*Christine Douxami**

<https://orcid.org/0000-0002-8465-3978>

*Jeremias Brasileiro***

<https://orcid.org/0000-0002-1876-6800>

Como citar esta entrevista:

Douxami, Christine; Brasileiro, Jeremias. “Entrevista com Mestre Naio (Leonardo Ozório Nunes dos Santos) e Mestre Edson Lima Coutinho da Banda de Congo Beatos de São Benedito da cidade de Vila Velha, no Espírito Santo”. *Locus: Revista de História*, 30, n. 2 (2024): 250-273.

* Pesquisadora em antropologia da arte no Instituto dos Mundos Africanos (IMAF/ França) e professora em artes cênicas na Universidade de Franche-Comté. Atualmente está no IRD (Instituto de Recherche et développement) passando 4 anos no Brasil em intercâmbio com a UFF e a UFBA, estudando os patrimônios imateriais afro-indígena na América Latina. Doutora em Antropologia pela Ecole des Hautes Etudes em Sciences Sociales (EHESS). Defendeu a tese em 2001 sobre teatro negro no Brasil. Desde 2006, ela tem coorganizado um seminário no EHESS, que enfoca o tema do engajamento artístico-político no continente africano e na sua diáspora. Desde 2022 coordena a rede de estudo dos patrimônios imateriais afro-indígenas na América Latina. Em 2022 lançou um longa metragem sobre o guerreiro de Alagoas e em 2012 sobre o festival mundial de artes negras, co-dirigidos com Philippe Degaille.

** Doutor em História Social pela Universidade Federal de Uberlândia. Pesquisador da cultura afrobrasileira, autor de 36 livros. Membro do Instituto Histórico e Geográfico Sul de Minas (IHGSM) sediado em Poços de Caldas - MG, sendo ocupante da Cadeira 05 - cujo Patrono é REI AMBRÓSIO; é Embaixador/Comandante Geral da Festa da Congada da cidade de Uberlândia, no Triângulo Mineiro, desde o ano de 2005, e-mail: jeremiasbrasileiro59@hotmail.com

Edson Lima Coutinho é integrante da banda de Congo Beatos de São Benedito (23 anos), do centro do município de Vila Velha, tocando tambor de condução. Com formação acadêmica pela Universidade Federal do Espírito Santo UFES, no curso de Ciências Sociais (Bacharel/Licenciado) e tendo como área de estudo e pesquisa os Saberes e Fazeres da cultura popular brasileira. Nascido e criado no bairro Solon Borges na cidade de Vitória – ES, é membro voluntário no coletivo SOS Manguezal, que trabalha a preservação do ecossistema da região de mangue em Maria Ortiz - Goiabeiras Vitória ES. Filho de pai que foi trabalhador braçal no parque industrial da ponta de Tubarão e pescador artesanal nas horas vagas, para sustento familiar e não comercial. A família paterna é até hoje fixada na região rural e agrícola de Amarelos no município de Guarapari, habitada por remanescentes de Quilombos. A mãe é do estado do Rio de Janeiro, município de Campos dos Goytacazes, descendente de africanos, e foi quem transmitiu a tradição do Congo. Toda a família de Guarapari é envolvida com a banda de Congo de Amarelos há pelo menos três gerações.

Mestre Naio (Leonardo Ozório Nunes dos Santos) é Mestre do Congo da Banda de Congo Beatos de São Benedito, em Vila Velha, Espírito Santo e fundador da ACERBES - Associação Cultural Esportiva e Recreativa Beatos de São Benedito. Com formação em Educação Física, seu trabalho na ACERBES entende a cultura popular como meio de inclusão social. Nasceu em 13/02/1965, mesmo dia do seu antecessor e tio-bisavô, Honório de Oliveira Amorim, conhecido como Mestre Honório, nascido em 1915. Em sua infância, na companhia de Mestre Honório, em Itapuera, onde morava, aprendeu a tocar tambor e Casaca, as toadas e levadas do Congo, bem como a entalhar e a confeccionar as casacas. Também foi iniciado na parte espiritual da manifestação. Em 2014, o Congo Capixaba foi reconhecido como patrimônio estadual do Espírito Santo.

Entrevista com Mestre Naio (Leonardo Ozório Nunes dos Santos) e Mestre Edson Lima Coutinho da Banda de Congo Beatos de São Benedito da cidade de Vila Velha, no Espírito Santo, com Jeremias Brasileiro e Christine Douxami, realizada especialmente para o dossiê Patrimônios Imateriais na América Latina: invisibilidades, histórias, lutas por direitos e novas epistemologias. Nessa entrevista, feita de forma remota, Mestre Naio nos mostra a pungência afroindígena no Espírito Santo, com diferentes manifestações culturais no estado e, segundo ele, contando com 78 grupos de Congos. A entrevista disponibiliza um material rico e inédito que ilumina a força dos

grupos de Congo espírito-santenses e as memórias e interações afroindígenas nessa pujante manifestação cultural.

Vale ressaltar que, pela primeira vez na revista, estamos fazendo uma entrevista dupla. Assim, diferente das outras edições onde as respostas dos entrevistados encontram-se sem indicação do nome e sobrenome, dessa vez decidimos deixar seus nomes antes das respostas, informando ao leitor quem está respondendo. Ademais, escolhemos também por usar as siglas dos nomes e sobrenomes dos entrevistados, facilitando a leitura e identificação. Logo, **Mestre Naio** encontra-se abreviado como *M. N.*, e **Edson Coutinho** como *E. C.*

- **Jeremias Brasileiro:** eu quero agradecer ao Edson, o mestre Edson e a Mônica a diretora do grupo pela oportunidade, há muito tempo a gente tenta dialogar e essa é a primeira vez! Eu falei para Christine que meu sonho mesmo era conhecer vocês pessoalmente, estar aí, infelizmente não foi possível. Eu venho perseguindo essas possibilidades, desde 2008, quando estive em Vitória, que eu conheci um pessoal que agora que eu descobri que era de Caieiras, né Edson? Aí sempre foi um sonho, quem sabe de repente, a partir de agora a gente consiga realizar esse sonho presencialmente. E como o nosso desejo é de trazer para a nossa história a visibilidade desse povo nosso que foi sempre invisibilizado, principalmente na relação afro-indígena. A gente conversou com o Edson e quando eu estava apresentando um trabalho falando como as bandas de Congo no Espírito Santo, a partir dos indígenas, foram tão importantes para essa história nossa, local, regional e que a gente não fala., daí teve umas falas do mestre e eu falei com a Christine: nossa, tem que conversar com esse pessoal nem que sejam dez minutos.
- **Christine Douxami:** vamos tentar fazer isso, se encontrar de verdade! Mas aqui já vamos contar a história de vocês para mostrar a riqueza do trabalho de vocês.

Mestre Naio: meu nome é Leonardo Ozório Nunes dos Santos, eu sou conhecido como Mestre Naio. Eu venho da capoeira. Eu tenho um ancestral realmente indígena. Eu luto para preservar isso, para manter isso tudo que foi passado da minha ancestralidade pra cá, até hoje, até os dias de hoje. Meus filhos estão espalhados pelo Brasil e estão na vida deles, não estão muito focados na cultura. E como eu era jovem também e um dia eu voltei porque realmente meu tio falava tanto: um dia você vai ser o mestre do Congo. Hoje eu estou levando, levando a cultura popular do Espírito Santo de cabeça erguida e vencendo barreiras, entendeu? Propondo projetos que vêm valorizando o bem comum. Eu acho que eles fazem o possível pra manter nossa Vila Velha numa ascensão bacana e tentamos resgatar o máximo da ancestralidade dos botocudos, que foram muito chacinados.

- **Christine Douxami: Como é o nome do grupo de vocês?**

M. N.: a nossa associação chama-se CEBs. Hoje nós temos uma associação chamada CEBES Associação Cultural Esportiva e Recreativa Beatos do Espírito Santo, e nosso lema é a cultura popular como meio de inclusão social. E nós temos aqui a banda de Congo nossa, que chama Beatos de São Benedito, assim como tem outras vertentes do esporte, da capoeira, natação, atletismo com outros professores que tentam ajudar também a Associação para ganhar um cunho maior com relação ao trabalho feito hoje em dia.

- **Christine Douxami: onde vocês ficam?**

M. N.: nós estamos localizados no centro de Vila Velha, na Rua Araribóia, centro de Vila Velha, Casa de Vó Marta. Está aqui no Espírito Santo, terra de Nossa Senhora, terra da moqueca, terra das praias lindas e terra da cultura, abençoada também por Nossa Senhora e São Benedito.

- **Christine Douxami: e o senhor quando falou que tem essa ancestralidade indígena, é a sua mãe, a avó, bisavó?**

M. N.: é, na verdade a minha tataravó. Ela foi pega pelo povo francês e por um francês. É retirada da aldeia que pegou a laço e dali ela veio, veio de mãe, pai da parte da minha parte materna e meus avós, meus avós também. Já tinha esse lado botocudo também muito bruto. Meu avô. Então dizem que eu sou a sombra do meu avô bruto igual meu avô ignorante igual meu avô. Se não é a Mônica pra me acalmar aqui, pra me segurar, entendeu? Mas vai dar tudo certo.

- **Christine Douxami: Obrigada, mestre!**

M. N.: hoje eu tenho 59 anos, trabalho com a cultura, com o Congo, com a cultura do Congo, a partir do ano de 94, comecei o trabalho com a Banda de Congo com os meninos da Pestalozzi. Comecei com os meninos especiais e os meninos estão junto com a gente até hoje. Alguns já faleceram, né? Mas a maior parte da banda está unida e nós temos um trabalho em nove

comunidades: o do Edinho, uma do Gilson e outra da Prainha. E a gente tenta trabalhar da maneira que for atender, ajudar, resgatar o máximo a cultura, fortalecer sempre.

- **Christine Douxami: Interessante! foi em 94 porque seu pai lhe passou a direção do grupo?**

M. N.: eu jogava capoeira como um bom botocudo, tinha o estado inteiro contra mim, todo mundo querendo me pegar de porrada e todo mundo querendo ver meu fim. Eu tinha muito aluno, muito aluno e sofri um acidente de moto indo trabalhar. Eu dou aula de natação e sofri acidente de moto às 06h00. E dali minha vida mudou, eu tive que parar de jogar capoeira porque o acidente me cortou o movimento de muita coisa. Meu médico disse que eu não voltaria a andar, senão a minha fé me leva, me cura e a minha fé me traz de volta. E eu vou fortalecer. E me migrei para o Congo, né? Tem um vídeo que se chama Mestres do Congo de Rezende, meu filho que fez esse vídeo que fala sobre a minha história e como eu saí da capoeira e migrei pro Congo, assumindo que era uma coisa de família¹.

- **Christine Douxami: entendi, e o seu pai ainda estava vivo?**

M. N.: meu pai estava vivo. Minha mãe, minha mãe tá viva ainda. Meu pai já faleceu.

- **Christine Douxami: aí tem o pai que ele passou toda a história?**

M. N.: não, na verdade, quem me passou foram os antigos, meus tios, meus tios e minhas avós. Minha avó materna que andava muito comigo me caçando pelos mangues aqui do meu bairro, tentando me manter em casa. Então, que é o que me traz aqui. Trazer o tambor, era o canto, era a alegria, aquela coisa de ouvir os velhos, cantar, ouvir os velhos, conversar. Eu falava muito neles. E hoje, hoje eu estou indígena velho assim, né? Fazendo o possível para tentar passar isso para as crianças de uma maneira bacana.

- **Jeremias Brasileiro: mestre Naio, eu falo muito quando eu tive contato em Vitória com o pessoal, com umas bandas também indígenas, eles reclamavam muito: - olha, são muitas coisas que os negros na nossa parceria, na nossa coexistência, os negros também pegaram, assimilaram dos indígenas?**

¹ Naio Rezende. 2014. "Mestres do Congo". YouTube, 00:3:00. <https://youtu.be/PSku-K7QP8U>

M. N.: aqui em Vila Velha, praticamente no Espírito Santo, era uma terra de botocudos. E são duas. São duas tribos muito agressivas, muito agressivas mesmo. Muito violenta mesmo. E aqui era dividida, na beira da praia, as crianças e os idosos mais pra dentro das matas, os adolescentes homens e rapazinhos e mais nas tranqueiras, os homens guerreiros. Então, ninguém entrava no Espírito Santo. Eles já executavam por lá. Não deixava ninguém entrar no Espírito Santo para proteger isso aqui. Tanto que pra você vir você vindo do Rio para Bahia, você tinha que dar a volta por Minas. Se você entrasse aqui, você não saía. Isso durou muito tempo. Para você ter ideia, eles tiveram contra o Imperador, o Imperador teve que contratar o índio chamado Araribóia para vir aqui e chacinar os Botocudos. Quer dizer, ele botou o indígena dentro das tribos, uma traição, matou os índios e aí ganhou a resma de terra lá em Niterói, onde fundou a aldeia dele, La Guarani Boyer, que não era dos Botocudo. Aqui sim. O pessoal que levou com ele, talvez as mulheres, aquilo tudo. E o pessoal que está morando hoje lá, tenta manter, tenta preservar aquele vilarejo que seria a aldeia indígena do Libório. Já não existe quase nada ali perto do Maracanãzinho. Tem alguma coisa assim que já não tem mais aqui? Hoje eu tenho aqui uma rua que é o que eu chamo, que era a Rua da Abissínia, porque os negros que vieram vitoriosos da Guerra do Paraguai não podiam morar no centro de Vila Velha, que era lá perto do Convento da Penha, da Igreja do Rosário. Aí o que que eles faziam? Eles botaram os negros para morar bem longe. Aqui era longe, onde Araribóia, que chamava a Rua da Abissínia, a Rua dos Negros da Abissínia, e todos eles, quando voltaram da guerra, tiveram que ganhar o título de tenente sargento, mas da Banda do Exército, entendeu? Não podia ser um alguém mais de uma de patente alta, mas da banda. Então, como aqui só tinha músico, aqui nessa rua, na rua da Abissínia, nós crescemos com a rua, tendo realmente uma rua de músicos e de muitas pessoas que tocam o instrumento. Tem pessoas que fazem várias coisas e muitos músicos já morreram e os netos continuam tocando. Que seja nas igrejas hoje, que seja eu lutando pelo manter o Congo aqui, porque é uma coisa nossa, dos índios. E a minha bisavó aqui, a minha avó Marta, que era indígena também, que tinha os traços que a gente tentou. Eu tento manter essa casinha de pé, que é onde recebia as pessoas da rua e faziam as vezes uma divisão do peixe, separava como ia ser a pesca da semana quando chegava o tempo do pescado, da manjuba. As coisas aconteciam no quintal aqui e hoje em dia nós não temos tanta coisa. Há o centro de Vila Velha, é um todo, mas a pracinha mais a Prainha de Vila Velha já está numa divisão. O que que é o centro de Vila Velha? Já estão puxando para lado de lá, mantendo o lado de afastar o povo, O povo de cor, e eu, como eu faço? Eu faço fíncada de mastro lá que é meu caminho, infelizmente o lado botocudo parte pra cima. É briga, confusão, tudo. Quem me

conhece sabe como é que eu sou. E eu não deixo de faltar com a cultura, não deixo de fazer o que tenho que fazer. E faço mesmo.

- **Christine Douxami: e como ficou essa questão dos indígenas quando esses negros voltaram e ficaram?**

M. N.: Quando o índio Araribóia foi contratado pelo Imperador, ele dizimou o que tinha por aqui. Ele tirou tudo: a prainha de Vila Velha, onde nasceu o Espírito Santo que era, como eu falo para você, um local de pesca, era um local de vilarejo indígena, onde tinham as crianças, tinham as mulheres, as índias novas. Aquilo tudo foi acabado. Hoje, hoje é raro. Aterraram praia em Vila Velha. Aquele foi o primeiro crime ecológico dentro do Estado, a praia em Vila Velha. Ecológico? Cultural, né?

Acabaram com a Prainha de Vila Velha, com o Mar da Prainha, transformaram praticamente em esgoto. E hoje? Hoje cimentaram tudo. Fizeram uma área de evento que hoje está tendo a confusão com os moradores de lá por causa dessa área de evento, que tem muita gente de fora, muita gente carioca dentro de Vila Velha, muita gente de fora mandando em Vila Velha, como o pessoal de Vila Velha não toma a frente de querer ser político, as pessoas acabam tomando e acabou. Deita e rola. Isso não tem jeito.

- **Christine Douxami: e como você sabe que é daquela primeira tribo? Porque você falou que o imperador dizimou todo mundo, como que você sabe que você pertence a essa tribo?**

M. N.: Pois é, o que ficou de convívio foi as mulheres que não eram guerreiras, até mesmo pegar em armas para lutar e quando eles iam, pegava no laço e levava preso igual animal. E ali o português, o francês deitava e rolava, fazia, acontecia. E aquela coisa de dar pancada e amansar na porrada. E foi assim. E foi assim que aquilo que aconteceu não teve jeito.

- **Christine Douxami: na época da tua bisa ainda tinha essas mulheres que eram botocudas e que tinham ficado nas matas ali e que assim o pessoal conseguia pegá-las.**

M. N.: o pessoal acabou dizimando, assumindo mesmo. Todos os portugueses que vieram, se acasalaram com as Índias. E foi essa miscigenação que aconteceu aqui em Vila Velha, tem hoje, tem. Hoje tem a Barra do Jucu, que é um pessoal muito puxado para o lado dos botocudos. De onde vêm meus antepassados, que é cada vez mais longe do centro de Vila Velha, entendeu? De

onde? De onde estão mais concentrados. E hoje está mais. Mais espalhados. Não tem tanto, já não tem tanto assim. As pessoas já não têm vergonha de dizer que são indígenas, que têm algum tipo de traço indígena. O preconceito ainda é muito latente. Por ser negro, eu por usar esses cordões e as pessoas já me olham diferente. Isso é muito. Diferente de quando eu chego. É diferente de quando eu chego na Bahia. O povo pataxó perto de mim gosta de se assustar. Quem não conhece assusta porque vê ou vê a coisa. Como é que funciona? Tão bacana, tão nossa, tão família.

- **Jeremias Brasileiro: tão parente.**

M. N.: tão parente? Acho que a ancestralidade fala mais alto, né? Eu acho que é exatamente isso.

- **Christine Douxami: E como são as outras bandas de Congo?**

M. N.: Na minha cidade tem 5 Bandas de Congo no Estado do Espírito Santo são 78.

- **Christine Douxami; Que bom! Todas afro-indígenas?**

M. N.: Muito tocam mais não sabem da origem, acham que é somente Afro.

- **Christine Douxami: Entendi! Não sabem o quanto é rico!!**

M. N.: A Banda de Caieiras Velha faz um ritual indígena mais é muito teatral.

- **Christine Douxami: Encenam como se não tivesse a ver com a realidade deles?**

M. N.: A minha levada! A minha Banda faz um trabalho bem diferente mesmo.

- **Christine Douxami: Mas eles tem o ritmo em 4 como vocês? Esse ritmo mais indígena que você evoca?**

M. N.: Sim. Mas não sabem. Eu trabalho espiritualmente enquanto tocamos.

- **Christine Douxami: Vocês também fazem uma encenação neste sentido?**

M. N.: Sim, isso muda muito a energia e a força do grupo.

- **Christine Douxami: e os cordões que você tem no pescoço são de que? De que religião? São indígena? Da Jurema?**

M. N.: não, eu sou umbandista.

- **Christine Douxami: espírita mesmo, né?**

M. N.: eu sou umbandista.

- **Christine Douxami: e na Jurema usa cordões?**

M. N.: Todos, todos usam. Cada um tem a sua firmeza, né, na casa que eu trabalhava, que era uma casa de brancos, eles tinham só a firmeza de um cordãozinho, mas ninguém se preocupava com as minhas guias. Eu trago comigo desde criança, eu trago isso comigo. Sempre andei com ela. Faz parte do meu investimento, vamos dizer assim.

- **Christine Douxami: quer dar um chega no pulso.**

M. N.: no pulso, apertou a mão? Já sabe que aqui tem, que tem aqui.

- **Jeremias Brasileiro: mandinga aqui.**

M. N.: e é um caboclo, um caboclo botocado com certeza, né?

- **Christine Douxami: forte, né? E vocês? Vocês têm uns rituais assim antes de sair para a rua? Imagino que sim, né?**

M. N.: o que? O que eu faço quando a banda sai é fazer a oração e a oração de firmeza, de proteção, para trazer paz, pra trazer harmonia, para trazer tranquilidade. Porque na hora de qualquer tipo de confusão, quem vai partir pra cima sou eu. Eu sou o mestre da banda, então tem que ser o pai da banda, tem que ser eu, apesar do que eu faço. E a Mônica segura muito. Como tinha me ocupado, acho que segurava muito. Não, calma, calma, calma. É a Monica. Ela faz esse papel muito bem de segurar. Quando não tem jeito, não tem jeito que é, não tem jeito. Mas eu tento. Eu tento seguir o máximo, ouvir a Mônica o máximo, que é minha luz, o meu equilíbrio, isso eu prezo muito dentro da banda.

- **Christine Douxami: é bom ter mulheres também, né?**

M. N.: sim, com certeza. Ninguém caminha sozinho, né?

- **Christine Douxami: então, vamos aproveitar que você está aqui para explicar um pouquinho mais como é essa questão. Você falou de um instrumento que vocês já sabem que é indígena, que mais tem de indígena dentro do grupo de Congo.**

M. N.: deixa-me dizer para você, uma coisa é o Congo do Espírito Santo. Ele não era pra ser chamado de Congo e sim de guaraná. Guaraná é o encontro dos tambores é a reunião de tambores. Quando os índios se sentavam para decidir uma caçada, uma pesca, o plantio, o acasalamento, algum tipo de reunião. Na aldeia se tocavam os tambores para anunciar que estava, que teria um evento de alguma. E sim, em qualquer aldeia do Brasil, acho que até do mundo. O telefone celular daquela época era os tambores. De acordo com a batida, você sabia qual era a tribo que falava, o que estava falando, como é hoje. A nossa banda, ela tem uma levada diferente das outras bandas daqui de Vila Velha, sendo que elas são de Vila Velha, mas tocam diferente. Na Barra do Jucu tem quatro bandas que eu não quero falar muito sobre a Barra do Chico e sim sobre a nossa banda. Mas pela minha banda ser especial e meus meninos terem acelerado e atravessado, então é unir, unir os defeitos do que aquilo que seja defeito que seja falha do cognitivo, do afetivo, do motor dentro de uma banda, de como foi ou foi um. Foi uma coisa muito bacana, porque eu trabalho em cima do defeito de cada um e o defeito passa a ser uma essência maior pra banda, uma qualidade melhor, melhor para o trabalho. Eu tenho autista, eu tenho menino com paralisia cerebral, que tem uma batida, que tem uma marcação que o outro supre o outro devido ao toque dos tambores, sendo que o tambor indígena ele bate três, ele bate 123123123123. Como faz o som da casaca, né? Como faz a casaca? É um, dois, três, um, dois, três.

Isso pra você, indígena, é um toque? Esse é o toque do Congo, não é? Hoje é falado assim que não existe no mundo alguém que toque igual aos indígenas. O que se assemelha é o reggae porque o reggae vem com uma levada talvez dos paraguaios. Não sei como é que funciona ali, daquele lado dos Andes, daquela turma, é o que mais se assemelha ao toque do Congo, mas é tocado no violão. Não é tocado na casaca, isso é levado na casaca e tocado no tambor. Então, você tocar um tambor é uma coisa, você tocar dois, três tambores. Quando é nossa banda, que são 16 tambores. Eu não tenho uma escola de congo. Eu falo que eu tenho uma banda de congo, mas a minha banda por lá viu o Nico, a banda dele, poxa, lá vem o Mestre Naio com a banda dele. Tem um problema né? É 65, é 80 ainda. A Festa da Penha chega a levar tanta multidão. Mas não é a

multidão que eu falo. Se cada comunidade vier com cinco tambores, três casaca, quando junta tudo pra ser uma unidade, uma coisa só, uma levada pra Nossa Senhora, uma cantada pra Nossa Senhora. E aquilo que a gente fala da inclusão social, da inclusão cultural, de unir as raças, as etnias, que não é aquilo agora, não é índio, não é negro, não é branco. Só o Círio de Nossa Senhora agradecendo a Nossa Senhora o que a gente tem pra tocar e pra não deixar perder. Fazer o possível pra manter esse tambor de povo unido. E como os índios queriam, né? Como os indígenas, mais que você diga assim eram botocudos, eram canibais. Eles protegiam as famílias, as mulheres, protegia as aldeias e hoje em dia se espalhou. Tudo o que eu faço hoje é proteger o máximo a nossa banda. Esse trabalho que nós fizemos. Quer dizer, eu na parte motora da coisa. A Mônica na parte do cognitivo. Fazendo os editais, conversando até no corpo a corpo com as pessoas, para entender, ouvir para fazer. Esse leva e traz da melhor maneira pra banda caminhar. O contato com as pessoas de fora, como está sendo com vocês. Eu só posso dizer que eu trabalho. Eu só trabalho com minha fé. Eu trabalho com a força da natureza, trabalho com a força das matas, com a força das águas, com a minha oração e com a minha cultura e toda a ancestralidade que vem junto, que não é pouca. É uma coisa muito grande, muito forte. Quando eu boto, quando eu boto a banda na rua e meus meninos especiais, não são meninos, são homens. São homens que trazem uma responsabilidade grande. A banda de cabeça erguida, as comunidades. E uma coisa é unidade e a gente tenta fazer uma coisa linda, até para que o seu evento seja realmente considerado um evento de porte, como tem que ser um evento cultural de qualquer comunidade. A gente vai pra somar.

- **Christine Douxami: e as vezes tem uns encantados que acompanham o senhor, sente isso? A presença de encantados de outras forças?**

M. N.: eu vou dizer uma coisa, quando eu começo a tocar, quando eu acabo de rezar, eu acho que é o último momento que eu me sinto em mim mesmo, como se fosse em mim próprio. Porque eu sei que na hora, ali muda tudo. É o espiritual que toma conta e eu consigo. Eu consigo ter um visual, uma visualização tipo uns 360 graus, eu estou olhando quem está na frente, quem está atrás. Eu estou protegendo, eu estou vendo quem quer fazer coisa errada. Eu já estou encostando a minha banda Ninguém bebe, não permito bebida, nós não permitimos. Bebida é oração, é firmeza, entendeu? Nós vamos trabalhar até agora. Pode tomar a sua cervejinha, de preferência sem uniforme, sem a roupa de São Benedito, sem a roupa do nosso povo, para não sujar nossa imagem. Esse é um tipo de doutrina que a gente é e vem dando certo.

- **Christine Douxami:** e tem uma restrição antes de se apresentar, alimentar, por exemplo, antes de tocar, ou um resguardo? Como não poder comer carne antes de tocar, ou não poder namorar? Isso acontece em muitas manifestações, vocês têm isso?

M. N.: não, veja bem, não é nada espiritual e é um trabalho cultural. A nossa levada é um trabalho cultural, mas não posso negar a espiritualidade, a espiritualidade presente, entende? Mas eu não proíbo ninguém de comer nada. E nós fazemos um evento aqui que às 03h00, no Morro do Moreno, dentro da mata, subindo a mata, até aí, lá no alto do morro mesmo, lá em cima, onde você tem o oceano, o universo, aquela coisa maravilhosa da madrugada, do sereno, do sol nascendo, da banda tocando aquele ritual bem indígena. Quando eu falo de aldeia, bem de aldeia, é isso.



Figura 1 — Acervo Acerbes. 2024. “Banda de Congo Beatos de São Benedito no Morro do Moreno, bairro Praia da Costa em Vila Velha - ES”. Evento acorda Vila Velha.

- **Jeremias Brasileiro:** e o que se leva depois?

M. N.: é, o que se leva depois? É alimento pra todo mundo, pra fazer uma mesa, pra todo mundo poder tomar um café, regozijar. É muito lindo e muito lindo. E desce todo mundo. Esse ano, talvez, a gente vai pra areal e outro lugar que também é sagrado, na beira do rio. Muito bom, muito bom, muito bom mesmo isso.

- **Christine Douxami:** Mas antes de ir antes da festa da Nossa Senhora, como é em termos de data, assim mais ou menos uma semana antes, ou mais?
-

M. N.: eu tenho, vamos dizer assim, eu tenho alguns, alguns slogans. É tipo assim a cultura popular como meio de inclusão social. Como é que você vai aceitar meu menino especial? Olha aí o jeito. Então eu levo a banda. Então, ninguém diz que são especiais hoje. Assim as pessoas conseguem ver nitidamente que eu não tenho especial nenhum. E apesar do jeito de fazer, eu também sou especial. Eu também tenho problema, eu também sou um problema. Então todo mundo é especial. Mas a ideia nossa é não parar essa coisa de inclusão social. Aí, o que que causa? Nós fizemos o Congo nas praias, nas praças e o projeto Canário da Terra. O canário da terra foi feito pra trazer o canário da terra de volta pra Vila Velha. Aqui que conseguiram acabar com o canário da terra que resgatamos aqui. Mas a Ciranda de Congo é evento dentro de Vila Velha. Eu tive que criar um evento porque o pessoal da minha querida Barra do Jucu não aceitava que meus meninos especiais tocassem comigo. Então eu fiz O Fincada da Colonização, que na verdade não era pra ser o nome da colonização, né? E sim um momento de me dizer que nós já estávamos aqui, entendeu? Nós, indígenas, estamos batucando pela coisa que é nossa, que foi invadida e foi tomada. Tomaram, tomaram e acabou. Nós não temos nada. Hoje eu tenho uma dificuldade danada pra ter o espaço aqui, porque o poder público não dá nada para ninguém, entendeu? Todo mundo mora na melhor casa, na beira da praia, no melhor apartamento com dinheiro público. Mas nós que trabalhamos a cultura, não temos espaço nosso. Eu não posso desenvolver o social, eu não posso desenvolver a saúde, não posso fazer o esporte porque eu não tenho esse espaço. Então isso aí é o lado injusto da coisa. É um lado muito injusto da coisa que eu não concordo e eu brigo por isso. Eu sou voz atuante em cima disso. Eu bato com isso, com certeza. E vou brigar mais ainda. O Espírito Santo é muito conservador, nem fala, mas pelo que eu saiba ainda é. Espírito Santo, o Espírito Santo tem um problema muito forte. Quem não entende o nome Espírito Santo, não vence. Quem não entende o que é respeitar a ancestralidade, respeitar a espiritualidade vai chegar se impondo, comprando, mas vai cair lá na frente, entendeu? E eu falo muito isso, tudo é tempo, tudo é tempo. O tempo de Deus. Ele é perfeito, tudo é tempo e não vou desistir nunca. Enquanto Deus me der vida, vou lutar, vou lutar pela minha associação, vou lutar pelo nosso povo, vou lutar pela minha flor de formosura, que é a pessoa que eu amo muito. Vou lutar para tudo dar certo.

- **Christine Douxami:** A gente vai aproveitar que o Edson está aqui para poder falar um pouco com ele antes dele cair de novo.

Edson Coutinho: Sou Edson Lima Coutinho, sou morador de Vitória, nascido e criado em Vitória. Moro no bairro Solon Borges, que é o bairro que fica na região de Goiabeiras, próximo

ao aeroporto de Vitória. Tenho 57 anos e estou há 23 anos como componente da banda de Congo Beatos de São Benedito no comando do Mestre Naio, né? E da nossa diretora Mônica Dantas na condução também. Eu acho que esse trabalho tem dado muito certo, porque os dois estão à frente principalmente, porque uma corda ou outra caçamba tem hora que muda, mas dá certo justamente por isso. Eu sou filho de mãe preta e pai preto. Sou de origem afro-indígena. Minha família por parte de mãe de origem banto, dos canaviais de Campos dos Goytacazes. Minha família por parte de pai, tem a mistura banto. Também é muito indígena, que é dos quilombos de Guarapari, região interiorana de Guarapari. Que Guarapari não é só praia para quem escuta. Só praia, não. Guarapari teve quilombos ali que foram resistência. Indígenas ali, bravios também, muito bravos, que foram resistência ao modelo colonial que foi implantado no nosso país, como nós todos já sabemos que é avassalador até hoje nós temos essa marca, essa pecha na nossa sociedade até hoje, tanto da escravização de indígenas e da população africana que veio para cá escravizada e que até hoje a gente tem essa marca.

E eu dou graças a vocês por terem me convidado, por ter participado, né? Ao nosso mestre Jeremias, por me dar essa oportunidade, podemos interagir culturalmente porque eu acho que a nossa construção é essa. É através da banda de Congo que como eu falei para vocês, 23 anos que eu estou nessa caminhada junto com o Mestre Naio. Sempre aprendendo, né? A minha família de origem por parte de pai do interior de Guarapari é do Congo, né? Eu nunca tive convívio com eles nessa questão de receber essa ancestralidade, esse ensinamento. Mas eles são do Congo, os meus avós, meu bisavô, meus tios. O meu avô, por parte de pai não, mas o meu bisavô sim. E eu vim, essa ancestralidade chegou a mim, porque as coisas, quando tem que ser, elas chegam. E através de um momento assim, de relance, porque eu moro aos fundos da Igreja Católica, Nossa Senhora Aparecida, aqui no bairro Solon Borges e eu sempre tive na minha mente que um dia eu ia fazer uma homenagem a Nossa Senhora Aparecida, porque eu aprendi a andar nesse terreno aqui. Era terreno de brincar quando era aberto a igreja, quando a igreja era mais democrática, né? Era aberto espaço, então a gente brincava, né? As catequeses que existiam eram no pátio, do lado de fora, chão de terra e tudo. E isso ficou marcado na minha cabeça como na infância. Não que eu seja católico fervoroso, tá? Não sou, não sou e tenho a minha fé. Nossa Senhora Aparecida e São Benedito, mas eu acredito que a nossa religião é plural. Não é uma só, ela é plural. Mas daí, por acaso, uma senhorinha falou assim: Edinho, que aqui eu sou conhecido como Edinho. Edinho por que você não procura o professor que tá dando aula lá no Centro de Vivência? Ele é bacana pra caramba e ele gosta desse negócio de congo. Ela falou comigo aí eu fui. Aqui no Goiabeiras tem uma banda de congo também. Primeiro fui lá, conversei com o pessoal da banda, eles não quiseram, não

acharam legal perto aqui da gente. E aí eu fiquei com esse olhar. Cheguei lá um certo dia, na aula, na atividade. Como não nos conhecíamos, não tinham nenhum tipo de conhecimento. Tanto que eu moro distante de Vila Velha, né, vamos dizer assim, e caiu na nossa conversa. Na mesma hora eu falei olha, eu tenho assim, eu gostaria de fazer homenagem a Aparecida na minha comunidade, só que de boas coisas e tal. Ele escutou e falou assim: - Quando você quer fazer isso, ia ser legal? No dia de Nossa Senhora Aparecida para homenagear a Santa, dia 12 de outubro é assim, ó, nós vamos fazer, tá? Rapaz, me deu um nó. Vamos fazer. Eu vou te falar o que a gente precisa comer mais ou menos, mas nós vamos fazer isso. Foi uns dois meses antes, eu acho que foi junho, maio ou junho, uma coisa assim. Aí, dali pra cá são 23 anos fazendo a fincada do mastro, né? A retirada do mastro que duas vezes por ano a banda passa aqui. Finca, né? Faz, faz a fincada, depois faz a retirada, né? Então a gente alinhou isso e cada vez mais eu fui me reconhecendo.

Em 2015 por cotas, eu entrei numa universidade na UFES, universidade pública que é nossa e cursei Ciências Sociais, que me abriu mais um outro horizonte, mais uma outra porta. Sempre fui de esquerda, né? Nunca fui de direita, sempre pensei na canhota, né? Como princípio, como trabalhador portuário, como trabalhador da indústria, como filho de mãe preta, empregada doméstica e pai operário, né? Eu acho que a meu pensamento sempre foi por esse lado. Nunca fui induzido na política, mas fui aprendendo, né? Então, a partir das ciências sociais, me abriu vários horizontes, tanto na questão política da sociologia quanto na questão da antropologia, que é o que nos move culturalmente, né? Assim, não que a antropologia seja mais importante do que a cultura popular, mas ela dá um norte a respeito de leitura. E do que a gente vive, do que a gente observa. E como bom capixaba que sou, tenho o vício de cultivar amizades por onde eu passo. Nem todo capixaba é assim. Então eu via a oportunidade através da banda de Congo de conhecermos em viagem, né? A Nação Porto Rico, Maracatu Nação Porto Rico. É que até no mês que vem o nosso amigo Dantas vai estar aqui em Vitória dando uma oficina de maracatu, né? Eu tive a oportunidade de conhecer com a banda de Congo em viagem o grupo de Sereia Flor de Atalaia de Cuiabá, um grupo maravilhoso de cultura popular. Os gaúchos do Rio Grande do Sul, no Pará também, né. Nós temos três grupos lá que somos amigos demais, temos um grande respeito. Então, esse leque de convívio da banda de Congo, é o aprendizado, a cultura popular e estrategicamente a gente trouxe com isso a leitura da academia. Um pouco da leitura da academia para associar. E uma outra coisa que é importante dizer, o Espírito Santo. Ele ficou mais de 300 anos fechado. A sua fronteira de mata ficou fechada por mais de 300 anos. Não havia nenhum tipo de incursão para o sertão. O Espírito Santo funcionava Costa a Costa com a Bahia, Rio de Janeiro, era território de passagem. E o que o mestre citou é muito importante pontuar. Não se trafegava no Espírito Santo. Se eu não

passava aqui em um mês, não conseguia chegar ao Rio de Janeiro ou chegar na divisa com a Bahia em um mês, você tinha que ir passo a passo porque as tribos indígenas que aqui foram encostadas devido ao ciclo do ouro em Minas Gerais. E também, para não haver o chamado descaminho no Rio de Janeiro, eles pensaram entre Minas e Espírito Santo, nas últimas matas, essas tribos que eram nações. Na realidade, os botocudos eram nações, eram os Goytacazes, né? Tupinambás. Os Aimorés eram nações botocudos e eles foram prensados. Então eles desciam tanto pro litoral e tinha essa pressão no Espírito Santo. Tinha território tapuia que era impossível passar porque os tapuias falavam outra língua, não falavam guarani. Era difícil entender o dialeto tapuia, não era qualquer um que entendia. Então alguns guias não se arriscavam ali, com as comitivas. É importante dizer isso, que muita gente foi capturada e para proteção das tribos indígenas, eles faziam e embalavam pernas, cabeças, troncos ao longo de estradas, porque quando estivessem passando, as comitivas vinham falar, vão mudar de caminho, porque aqui tem botocudo. Estrategicamente eles faziam isso. Não é que eles estavam ali, mas eles faziam isso justamente como estratégia de guerra. Como eram os senhores de guerra e sabiam muito bem lidar com as matas, nem o território era deles, não existiam cercamento, não existiam divisas. Existiam sim, territórios imensos, tanto que eles estavam desde Ilhéus. Os Aimorés, por exemplo, de Ilhéus, circulavam por Minas, Espírito Santo. Eram nações gigantes. Então, muito nos orgulha esse passado, nosso indígena. E a gente sabe que houve o massacre. Houve também a forma de invisibilizar, né? Tanto a cultura indígena, principalmente, e depois a cultura africana no Brasil. Mas nós somos resistência, nós conseguimos vencer porque nós estamos aqui, nós somos afro indígenas, nós trazemos a nossa cultura afro indígena no som dos nossos tambores. Nos nossos cantos, nas nossas crenças, na nossa comida do dia a dia, na nossa questão do chá, da folha, de conhecer ervas, de conhecer mato, é afro indígena. A construção do Brasil ao qual muitos não querem aceitar. Mas a gente tem a certeza que essa construção é que nos faz forte e que nos faz ir mais além. Talvez, a gente não pode prever se a gente vai ter descendentes ou não, que vão dar continuidade ao nosso trabalho cultural, ao nosso trabalho de saber mais o que nos cabe e a gente prosperar. Isso para outros que os conheço e que outros têm a oportunidade de chegar a nós e ver que não é só o que a gente faz como banda de congo. Não é só a beleza do canto, do bater do tambor. A gente faz a oração, a gente leva a alegria, a gente leva a paz. Então é importante dizer isso, porque os nossos povos que estavam aqui, eles eram de paz, eles não eram de guerra, e os povos que vieram da África eram de respeito, de paz, de sabedoria, de conhecimento. Nós tentamos fazer o mesmo. Nós tentamos com as dificuldades, as barreiras que aparecem às vezes, porque isso hoje o sistema impõe isso. Mas a gente está aí, passo a passo, como o mestre mesmo fala, se tiver eu mais dois já e a banda, a gente

já tá fazendo, a gente já tá tocando. Se tiver 50 é a banda também, a gente vai estar fazendo isso acontecer.

- **Christine Douxami: Mas quando se fala da sua ancestralidade, você, por exemplo, lembra do teu pai ou da tua mãe falar assim, quando a gente estava no quilombo? Ou de você lembrar de uma avó ou de uma tia que justamente era mais ligada a essas questões indígenas ou ligadas às crenças mais afro? Ou era o mesmo?**

E. C.: boa, boa puxada por parte de mãe. E como eu já falei, minha mãe era do canavial, né? Com nove, oito, nove anos ela falava: eu ia pro canavial com a sua avó, para sobreviver, minha vó tinha vários filhos, uma preta, pequenininha, magrinha, né? Cheguei a conhece-la. E como sustento, como era da época, também as famílias tinham que levar os filhos para trabalhar. Então minha mãe tirou muita cana. Ela conta, né? Das passagens e as brincadeiras que eram que os irmãos mais velhos faziam para ela. Pegava o osso de mocotó e fazia bonequinho, raspava depois de comer, limpava e fazia bonequinho, boneco de barro. No carnaval, ela contava que era máscara de barro, a máscara é uma identidade banto, das populações banto. Na África, é uma coisa muito assim, simbólica, né? Uma pena que a gente não teve como registrar, mas ficou a realidade. E por parte de pai é o meu tio, ele herdou um dom que era do meu bisavô: das ervas, das matas, tanto que o meu tio quando eu falo, eu falo o nome dele, precisa falar Zezim Raizeiro. Ah, ele mesmo tem o conhecimento, né? Um caboco que até hoje mora onde nasceu, né? E tem essa sabedoria da cura através das plantas, das matas e esse território onde a família do meu pai até hoje reside. Tem essa ligação e é muito forte que há pouco tempo um tio meu que foi para lá ele até falou assim: - rapaz, eu tenho que ir, você tem que vir aqui que eu tenho que te contar umas coisas. Tem que as coisas que eu descobri, que eu fui no cartório, que fui mexendo aqui, o tempo que a nossa família tá aqui, né? E eu infelizmente moro na cidade. Às vezes o dia a dia não permite. A gente tem que se desamarrar dessas cordas e tentar. E eu estou devendo essa visita justamente para escutar, né? Para escuta e para também fazer um registro. Porque isso é muito importante. Hoje nós temos essa capacidade. Eu tenho uma outra ligação também, senão sanguínea, eu tinha a minha mãe, ela tinha uma irmã mais nova do que ela, de criação. Depois dos 14 anos, minha mãe foi adotada por uma família que veio para cá, para o Espírito Santo e trouxe minha mãe de Campos para cá, adotada e essa outra, irmã dela de criação, que era baiana. O que foi um outro aprendizado na minha vida com oito anos. Quer dizer, ela me batizou, eu ia fazer dois meses de idade, ela era criança, ainda me batizou. Eu aprendi com ela sobre o que comer, pimenta, como comer comida bem condimentada. Então isso é aprendizado também, porque faz parte da nossa história. Eu aqui com

o meu pai, tive a oportunidade de conhecer o manguezal, porque na época ele pescava para a subsistência nossa aqui, da família. E quando criança eu fui com ele em várias saídas de barco e conheci. Hoje eu vejo como isso foi importante, porque hoje eu faço parte de um coletivo aqui chamado S.O.S Manguezal. E também o outro trabalho que tem aqui por detrás do presépio são dois coletivos que eu participo. É tudo ligado também a isso, mas não é nada por acaso. Não é só porque hoje me convidaram, mas é sim porque eu acho que a ancestralidade me moveu de alguma forma, né?

- **Christine Douxami: é forte, né? E quando você fala assim do lá dentro do quilombo, vocês associam mais a parte indígena, porque dentro das culturas afro também. No candomblé, por exemplo, tem toda uma parte das folhas também, que é muito forte, de o sangue e tal, que também é uma sabedoria das folhas que eles reivindicam como afro. Mas é interessante quando se fala isso a partir de raizeiro e tal para vocês no Espírito Santo, vocês associam mesmo essa sabedoria mais indígena ou não?**

E. C.: não, não é? E tem esse lado muito indígena com a questão da Mata das Flores. Mas é a da cura, se você for mais para o norte, para a região de São Mateus, que é mais forte, a questão da presença do africano, por ter sido também o último porto a receber cargas. Para o norte, o Espírito Santo, que é os últimos escravos a serem traficados no Brasil, entraram por ali. De São Mateus que até hoje existe, eles estão a começar a fazer uma obra de restauro nele. Descobriram agora algumas peças e pararam de mexer. Agora a nossa fala é mais na vivência. Realmente, com relação a isso é que as matas, a questão das folhas da cura, que é muito ligado a essa questão indígena, é uma outra coisa que eu esqueci de falar. Acho que com o intercâmbio através da banda de Congo, nós conseguimos fazer, que foi muito importante e muito valioso, não só com as culturas mineiras. Aí que a gente já teve em festas maravilhosas em Timóteo e em Itabira junto com o congado. E nós fizemos um intercâmbio com a Bahia, com a cidade de Caravelas. Lá é afro-indígena, eu espero que a gente tenha a oportunidade de conseguir reunir aqui, vocês e eles, porque é maravilhoso. O povo lá é muito bacana, eles têm um trabalho lindo nessa cultura afro-indígena. São resistência também, muito resistência. E eu acho que a gente se encontrou dentro da cultura popular, porque a dor que a gente tem aqui e a dor que eles têm lá e a dor que o maracatu tem lá em Recife. E quando eu falo dor, falo desse desequilíbrio que há entre o Institucional e a cultura popular. Esse desequilíbrio permanente que há, mesmo com todas as condicionantes hoje que estão tentando ser implantadas. Existe uma lacuna grande, alguma coisa aí que ainda falta escuta e respeito.

- **Christine Douxami:** Na banda de Congo de vocês tem os penachos. Como o Jeremias falou, tem alguma coisa de vestimenta que te lembra as questões indígenas ou não aparece como tal, porque no povo lá dos reinados, às vezes têm os caboclinhos como o Jeremias falou.

E. C.: Eu vou tomar a fala que o mestre (Jeremias) levanta. A gente é o Congo no Espírito Santo. Ele é litorâneo. Ele surgiu ao longo do litoral. Primeiro com essa perspectiva indígena no período colonial, devido aos indígenas estarem mais próximos aos jesuítas e terem a permissão para fazer os seus cultos. Mas o Congo, ele passou a ser uma vertente mais afro-indígena. E eu não vou saber precisar a data aqui, mas é 1800 e alguma coisa por aí. Esse encontro não é necessariamente uma escrita certa, não tem uma fala certa de como surgiu esse encontro. Existem várias falas. Existe a da Fazenda, existe os dos quilombos, das aldeias. Alguns escritos que dão algumas pistas, mas no caso da banda, hoje a nossa vestimenta não tem esse, vamos dizer, esse adereço, né? Vamos dizer assim. Não sei se seria a palavra certa, mas não tem esse adereço, as outras bandas também aqui não são muito dessa área. É de praxe as mulheres utilizarem saias, os homens calças. Geralmente as camisas são de louvores ao santo da banda, de frente. Nós somos São Benedito, em outras bandas São Benedito também e tem outras bandas que são de São Jorge, uma diversidade de santos da Igreja Católica que comungam também com as bandas. O Congo não é macumba, é o Congo, é o Congo, né? Mas dentro do Congo existe a laicidade. E existe essa pluralidade, que a gente recebe. Se passar, um evangélico quiser chegar, vai chegar, pode chegar, vai ser bem chegado. As pessoas que são de umbanda, candomblé, não há essa diferenciação em receber. Porque acredito eu, também pelo conjunto que é uma banda de congo, que nós somos da rua. Nós apresentamos em palco também, mas nós somos da rua. O show que vamos dizer assim o que a gente faz, que a gente passa, o que a gente anda é na rua. Então, em vários momentos a gente recebe essas pessoas, é mais nesse quesito, não nos apresentamos só em festas de santo, nem de igreja, nós temos as nossas festas, temos os nossos momentos.

- **Christine Douxami:** E como o mestre Naio falou na mata, esses momentos para vocês são distintos? E nesse caso, aquele instrumento realmente indígena associado à casaca é também muito rítmico?

E. C.: É o nosso instrumento chave aqui no Espírito Santo, que é essa origem aqui Capixaba, a casaca, essa construção. Primeiramente ela partiu de um instrumento indígena e que alguns grupos da região Centro-Oeste de Siriri, que é outro nome que me surgiu agora, é o feixe de bambu. Uma varinha de bambu airada que eles tocam. Eu não sei se lá eles dão outro nome, os

indígenas já utilizavam esse instrumento, mas não com o nome de casaca. Era outro nome, dependendo da região, assim como várias nações e línguas, os nomes vão variar. O Mestre Jeremias, em Minas Gerais, tem essa varinha assim que eu vi.

- **Jeremias Brasileiro:** essa questão do reco-reco, por exemplo, aqui em Minas Gerais é talhado a partir de bambus, mas não temos esculpido no ápice os pretos velhos. O reco-reco, para mim é muito importante, porque eu sou criança do reco-reco dançando congo na minha terra natal. Na nossa região é uma relação muito indígena, sabe? Mas como o mestre Naio disse, na minha região do Alto Paranaíba, o Triângulo Mineiro, os araxás, os caiapós e outras nações aqui também foram totalmente dizimadas. Então, é muito difícil para nós recuperar essa história. Eu quero imensamente agradecer e a gente poder construir essa ponte de diálogos que o meu sonho realmente é de um encontro presencial.

E. C.: eu sou muito feliz em poder participar desse momento. Eu acho que é mais um momento de construção, de troca, uma energia muito positiva e a gente está aqui para isso, para distribuir o conhecimento que a gente tem, para trocar com quem quiser chegar de bom coração. Eu agradeço, capitão General Jeremias, eu agradeço imensamente. Eu não pude vir aqui, né? No início desse ano, mas eu agradeço pela força que deu. Foi muito bacana, foi muito bonito, né? Eu espero que nós possamos recebe-los novamente, repetir isso ou se tudo correr certo, quem sabe mais à frente a gente vai aí também. Daí a gente está fazendo esse nosso traslado cultural, vamos dizer assim, sempre que for possível. É professor e professora, né mestre? Doutora Douxami, né? Eu agradeço aí pela oportunidade, estou à disposição também para qualquer contato.

Mestre Naio: eu também quero agradecer, agradecer muito ao Jeremias, entendeu? Agradecer você também. Eu acho que esses laços tem que se estreitar sim. Acho que a cultura a gente tem que caminhar, tem que seguir, tem que se envolver, tem que conhecer, tem que divulgar, tem que estar sempre junto das mãos, porque na hora certa nós estaremos sempre, sempre unidos. Acho que é por aí mesmo.

- **Christine Douxami:** E o Ticumbi? vocês trabalham com os grupos de Ticumbi?

Edson Coutinho: é lá pra cima no estado.

Mestre Naio: Não é em Vila Velha.

Edson Coutinho: Em Itaúnas. E bem forte, vem bastante gente de fora, né? Assim, é bem divulgado, né? É uma manifestação que ela lembra um pouco, uma mistura assim, vamos dizer do reisado, né? E do congado, né? Então ela é muito significativa. É uma das culturas que ficou do norte, que marcou o norte do Estado e eu acho que é a única, assim, fora o Congo. O Ticumbi ficou expoente, né? É longo para mim poder falar aqui agora.

Gostamos de conversar a respeito das culturas do Norte também, né? Porque eu faço parte também de um grupo de estudo de antropologia do professor Sandro na UFES. Ele trabalha muito sobre os quilombos do norte do estado que estão sendo massacrados. Mas conversamos disso em outra oportunidade, né?

- **Christine Douxami:** E vocês conhecem o pessoal afro-indígena, o povo de Caravelas, Mestre Adilson de Caravelas? Da Luta dos Mouros e Cristãos?

E. C.: E Adilson né? E o Adilson que vai estar Adilson gente boa, O mestre conheceu ele também. Lá conhecemos o mestre em frente à Igreja de Nossa Senhora da Conceição, lá em Caravelas. Outro momento marcante que eu gostaria que nós tivéssemos tempo. Gostaria que o Mestre falasse um pouquinho.

Mestre Naio: Nos fomos a Caravelas!

- **Christine Douxami:** Adilson da Conceição Silva do grupo de Luta dos Mouros e Cristãos que os convidou? Ou o grupo de carnaval *UmbandaUm* que foi estudado por Cecília Melo justamente como Afro-indígena²?

M. N.: Deixa falar uma coisa! aliás, em Caravelas, já aconteceu o seguinte quando nós chegamos aqui, o membro nosso aqui, o Gilson, fez uma música que era para poder chover, o sol me queimar, o Congo eu não saio, quando eu vou ficar sem ver meu terço. Acendi uma vela só pra ir pra caravela com a banda pra tocar. Nós fomos de Vila Velha até Caravelas com chuva, chuva, chuva, nós chegamos lá no lugar, era chuva e manga caía, manga, manga, manga, o pessoal enchendo os quartos de manga, cheiro de manga na pousada que nós temos, manga a manga,

² Mello, Cecília C. do A. **Obras de arte e conceitos: cultura e antropologia do ponto de vista de um grupo afro-indígena do sul da Bahia.** Dissertação de Mestrado – Museu Nacional, UFRJ, Rio de Janeiro, 2003.

Mello, Cecília C. do A. **Política, meio ambiente e arte: percursos de um movimento cultural do extremo sul da Bahia (2002-2009).** Tese de Doutorado - Museu Nacional, UFRJ, Rio de Janeiro, 2010. Ler sobre Goldman Marcio, “A relação afroindígena”, *Cadernos de campo*, São Paulo, n. 23, p. 1-381, 2014.

manga. Aí quando nós fomos tocar lá no lugar que tinha aqui, era combinado. Olha só, não vai ter nada não. Tá chovendo muito. Eu falei: não, meu filho, nós vamos entrar sim, nós vamos entrar para dentro da orquestra. Nós vamos, nós vamos entrar e vamos tocar três músicas. Música para que a chuva pare aqui no Paraná. Chuva que não para, não. Nós tocamos três músicas. A mestra acredita que parou de chover. Sim, eu sei que é parar. Aí fomos para a rua, fomos para a rua. Aquela rua maravilhosa, com a terra molhadinha. Não tinha poeira, cheirava que lá tudo é terra. E fomos andando, aí as janelas se abrindo, o povo saindo de dentro de casa. O que está acontecendo, é a banda, a banda grande, 60 e tantas pessoas e a banda, a grande banda. E aquele aí, aquele com aquele cordão azul, branco e rosa andando pelas ruas. Assim que nós chegamos na Igreja de Nossa Senhora da Conceição estava fechada, mas não esquenta a cabeça. Iam os tambores da frente e tocamos uma, duas, três, quatro músicas. Abrir a igreja, abrir a igreja. Nós entramos dentro da igreja, rezamos pra Nossa Senhora da Conceição, cantamos pra Nossa Senhora da Conceição. Aí um rapazinho chegou pra Mônica e perguntou assim Dona Mônica, será que o mestre levaria a banda lá? Minha mãe tem um terreiro de São Benedito. Aí a Mônica vem falar comigo? Eu falei assim: é onde? E mostra o caminho, mostra o caminho que você vai lá. Nossa Senhora! Quando nós fomos andando pelo caminho, ia passando por pessoas adoecidas, cadeira de rodas, e a banda para e reza para essa pessoa. E por incrível que pareça, os outros anos nós voltamos. Essa pessoa só melhorou, só melhorou. Peço a Deus que ela esteja andando normal. Tinha o rapaz, o rapaz tinha tido um, acho que foi um AVC, alguma coisa e ele estava muito bem, graças a Deus. E ele chorou, chorou e a banda prosseguiu. Sei que nós saímos desse terreiro, nós saímos já era quase 23h00. Pau quebrou, tocamos o Congo, tocamos o Congo, virar a gira, fizeram não sei o quê. Minha nossal!

- **Christine Douxami: foi o trabalho de vocês? Quem levou vocês? Em Caravelas?**

M. N.: não, nós somos através do grupo *UmbandaUm* que é o coletivo, do Galdino, do Itamar, e na Semana Zumbi nós fomos para participar da Semana Zumbi em novembro. E cara, Brasil é um mês que geralmente chove muito, novembro, dezembro. E foi uma coisa fantástica mesmo, porque as pessoas ficaram assim, de queixo, falando, nossa, que coisa! E nós ficamos assim no outro ano que nós voltamos e como mesmo falei o senhorzinho já estava em pé, que nós passamos no cortejo no ano anterior. No ano que nós voltamos, ele já estava em pé, paramos em frente, fizemos a oração. Assim já fica um espaço aberto a gente tocar na Filarmônica, na Barra de Caravelas, sai em cortejo da Filarmônica até a Igreja Nossa Senhora da Conceição tocar na Igreja

da Senhora da Conceição, sair da igreja, ir até a sede de *UmbandaUm* de São Benedito, fazer lá os finalmente e voltar em cortejo. Então isso marcou, ficou marcado lá com certeza. A gente tendo oportunidade, tendo o convite, a gente volta.

- **Christine Douxami: Foram em Caravelas e também em Barra de Caravelas?**

M. N.: nós ficamos em Caravelas, na atividade que fizemos lá, na sede do grupo e fomos tocar na Barra de Caravelas um dia que foi esse primeiro dia que deu todo esse efeito, essas coisas vão acontecendo. Tem mais gente para contar, não para.

- **Jeremias Brasileiro: trazer o mestre Naio para Minas Gerais, para chamar as chuvas por aqui.**

M. N.: deixa eu te contar que aqui estava muito seco. A mata de Nossa Senhora estava muito seca, muito seca. Aí eu falei que ia fazer o meu cajado. Você falou do cajado, do pessoal mineiro, do cajado. Aí eu fiz. Eu fiz o meu cajado, ele é uma madeira, é uma madeira que vai até o chão, anda do meu lado. Só que aqui ele tem um trançado que eu fiz.

- **Christine Douxami: seu maracá, não é?**

M. N.: é bem indígena mesmo, ele vai aqui como meu protetor, o protetor da casa. Meu amigo, no outro dia nós rezamos pra chover, pra chover em Vila Velha, no Espírito Santo, no Brasil e no mundo. Aí vi o jornal, a enchente na Itália. Chuva no deserto. Falei Meu Deus do céu, a dose foi muito forte. Na outra semana deu um pé d'água aqui em Vila Velha. Meu Deus do céu, Graças a Deus! Aí, meu pessoal de Linhares, tudo me ligando negão, o Rio tá enchendo de novo! Aí parou a chuva. Aí nós estamos fazendo uma romaria que a gente vai uma vez por mês até a Festa da Penha no convento, para poder voltar o nível das águas dos rios. Mas não só do Espírito Santo, de todo o Brasil. Uma mãe de alunos, Luciana, disse que ia me levar lá para a Bahia, que lá na fazenda estava muito difícil. O Rio tá seco, tá muito seco. Eu vou lá e faço. Eu faço a oração lá, toco o chocalho. Mas eles têm que me dar segurança para eu sair de lá, porque senão vai ficar muita água lá e vai ter enchente. Não posso ficar preso não. E hoje eu falei que a gente vai tocar e quando acabar de tocar lá na Barra, vai começar a chover e está chovendo, mas nós vamos tocar ainda hoje.

- **Christine Douxami: Ainda bem. Obrigada, viu gente? Boa atividade para vocês!**

M. N.: um abraço a todos aí. Maravilha! Saúde, paz e prosperidade São Benedito Fortaleça a casa, a oração e os armários. Que não falte comida, Nada. Tudo de bom!

- **Christine Douxami: Muito obrigada, tudo de bom, até breve!**

Recebida: 26 de outubro de 2024

Aprovada: 24 de janeiro de 2025